Gêneros da Prosa de Ficção

M I T O

Dicionário Houaiss

substantivo masculino

1. Relato fantástico de tradição oral, ger. protagonizado por seres que encarnam as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana; lenda. Exs.: *m. e lendas dos índios do Xingu; os m. da Grécia antiga; o m. de Narciso*.

2. Narrativa acerca dos tempos heroicos, que ger. guarda um fundo de verdade. Ex.: *o m. dos argonautas e do velocino de ouro*.

3. Antropologia: relato simbólico, passado de geração em geração dentro de um grupo, que narra e explica a origem de determinado fenômeno, ser vivo, instituição, costume social.

4. Representação de fatos e/ou personagens históricos, amplificados através do imaginário coletivo e de longas tradições literárias orais ou escritas. Ex.: *o m. em torno de Tiradentes*.

5. Exposição alegórica de uma ideia qualquer, de uma doutrina ou teoria filosófica; alegoria.

6. Representação idealizada do estado da humanidade, no passado ou no futuro. Ex.: *m. do Eldorado*.

M I T O

Noção arcaica: narrativa sagrada, verídica e exemplar, que cria o mundo, estabelece o seu sentido e explica porque e como uma realidade veio a ser o que é (função etiológica).

Excerto da *Teogonia*, de Hesíodo

Tradução de Jaa Torrano

[...]

Alegrai, filhas de Zeus, dai ardente canto,
gloriai o sagrado ser dos imortais sempre vivos,
os que nasceram da Terra e do Céu constelado,
os da Noite trevosa, os que o salgado Mar criou.
Dizei como no começo Deuses e Terra nasceram,
os Rios, o Mar infinito impetuoso de ondas,
os Astros brilhantes e o Céu amplo em cima.
Os deles nascidos Deuses doadores de bens,
como dividiram a opulência e repartiram as honras
e como no começo tiveram o rugoso Olimpo.
Dizei-me isto, Musas que tendes o palácio olímpio,
dês o começo e quem dentre eles primeiro nasceu.
Sim bem primeiro nasceu Caos, depois também
Terra de amplo seio, de todos sede irresvalável sempre,
dos imortais que têm a cabeça do Olimpo nevado,
e Tártaro nevoento no fundo do chão de amplas vias,
e Eros: o mais belo entre deuses imortais,
solta-membros, dos deuses todos e dos homens todos
ele doma no peito o espírito e a prudente vontade.

Do Caos, Êrebo e Noite negra nasceram.
Da Noite aliás Éter e Dia nasceram,
gerou-os fecundada unida a Êrebo em amor.

Terra primeiro pariu igual a si mesma
Céu constelado, para cercá-la toda ao redor
e ser aos deuses venturosos sede irresvalável sempre.
Pariu altas Montanhas, belos abrigos das deusas
ninfas que moram nas montanhas frondosas.
E pariu a infecunda planície impetuosa de ondas
o Mar, sem o desejoso amor. Depois pariu
do coito com Céu: Oceano de fundos remoinhos
e Coios e Crios e Hipérion e Jápeto
e Teia e Reia e Têmis e Memória
e Febe de áurea coroa e Tétis amorosa.
E após com ótimas armas Cronos de curvo pensar,
filho o mais terrível: detestou o florescente pai.
Pariu ainda os Ciclopes de soberbo coração:
Trovão, Relâmpago e Arges de violento ânimo
que a Zeus deram o trovão e forjaram o raio.
Eles no mais eram comparáveis aos deuses,
único olho bem no meio repousava na fronte.
Ciclopes denominava-os o nome, porque neles
circular olho sozinho repousava na fronte.
Vigor, violência e engenho possuíam na ação.
Outros ainda da Terra e do Céu nasceram,
três filhos enormes, violentos, não nomeáveis.
Cotos, Briareu e Giges, assombrosos filhos.
Deles, eram cem braços que saltavam dos ombros,
improximáveis; cabeças de cada um cinquenta
brotavam dos ombros, sobre os grossos membros.
Vigor sem limite, poderoso na enorme forma.
[...]

M I T O

Aristóteles: imitação e composição das ações (trama, entrecho, intriga ou enredo).

CRÔNICA

Forma medieval: narrativa extensa de fatos e feitos de reis e senhores feudais, ordenados cronologicamente.

Excerto da *Crônica de el-Rei D. Pedro*, de Fernão Lopes

Texto modernizado por António José Saraiva

VINGANÇA DE D. PEDRO CONTRA OS ASSASSINOS DE INÊS DE CASTRO

Quando el-rei de Castela soube que Diego Lopes não fora tomado, ficou descontente mas não pôde mais fazer. Enviou Álvaro Gonçalves e Pero Coelho, bem presos e arrecadados, a el-rei de Portugal, seu tio, como estava combinado entre eles.

Quando chegaram à fronteira encontraram ali Mem Rodrigues Tenório e os outros castelhanos que el-rei D. Pedro lhe enviava. E dizia depois Diego Lopes, falando desta história, que se fizera a troca de burros por burros. Foram os castelhanos levados a Sevilha onde estava então el-rei, e ali os mandou este matar a todos.

A Portugal foram trazidos Álvaro Gonçalves e Pero Coelho. Chegaram a Santarém, onde estava el-rei D. Pedro, e este com prazer da sua vinda, embora irritado porque Diego Lopes fugira, saiu fora a recebê-los. E sanha cruel sem piedade lhos fez pela sua mão meter a tormento, querendo que lhe confessassem quem é que

participara na morte de D. Inês, e o que é que seu pai tratava contra ele quando andavam desavindos por causa da morte dela. Nenhum deles respondeu a tais perguntas cousa que agradasse a el-rei, e dizem que ele, ressentido, deu um açoite no rosto a Pero Coelho. Este soltou-se então em desonestas e feias palavras contra el-rei, chamando-lhe traidor, perjuro, algoz e carniceiro de homens. El-rei, dizendo que lhe trouxessem cebola e vinagre para o coelho, enfadou-se deles e mandou-os matar.

A maneira da morte deles dita pelo miúdo seria muito estranha e crua de contar, porque a Pero Coelho mandou arrancar o coração pelo peito, e a Álvaro Gonçalves, pelas espáduas. E tudo o que se passou seria causa dolorosa de ouvir. Finalmente el-rei mandou-os queimar. E tudo foi feito diante dos paços onde ele estava, de maneira que, enquanto comia, olhava o que mandava fazer.

Muito perdeu el-rei de sua boa fama por tal troca como esta, a qual foi tida em Portugal e em Castela por muito grande mal, dizendo todos os bons que a ouviam, que os reis erravam muito, faltando à sua verdade, visto que estes cavaleiros estavam acoitados em seus reinos com garantia.

CRÔNICA

Forma jornalística: registro e comentário, de curta extensão, de acontecimentos cotidianos de interesse público.

OBITUÁRIO

Folha de S. Paulo, São Paulo, 2 de julho de 2007, C4

O fundador do conglomerado Battistella, Emílio Fiorentino Battistella, morreu anteontem na casa em que morava, em São Paulo, aos 93 anos, de causas naturais, segundo a assessoria do grupo.

Sua mulher, Filomena Casali Battistella, 90, morreu horas depois do marido, no Hospital Sírio-Libanês, onde estava internada. O casal foi enterrado ontem em Lages (213 km de Florianópolis, SC), onde viveu durante cerca de 20 anos.

O empresário fundou, há 58 anos, a primeira empresa do grupo, que atua nas áreas florestal, de veículos pesados, geração de energia e manutenção industrial.

CRÔNICA

Forma artística: narrativa ou registro figurativo de curta extensão, com imagens instantâneas da vida cotidiana, transfigurada poeticamente.

VISÃO

No centro do dia cinzento, no meio da banal viagem, e nesse momento em que a custo equilibramos todos os motivos de agir e de cruzar os braços, de insistir e desesperar, e ficamos quietos, neutros e presos ao mais medíocre equilíbrio – foi então que aconteceu. Eu vinha sem raiva nem desejo – no fundo do coração as feridas mal cicatrizadas, e a esperança humilde como ave doméstica – eu vinha como um homem que vem e vai, e já teve noites de tormenta e madrugadas de seda, e dias vividos com todos os nervos e com toda a alma, e charnecas de tédio atravessadas com a longa paciência dos pobres – eu vinha como um homem que faz parte da sua cidade, e é menos um homem que um transeunte, e me sentia como aquele que se vê nos cartões-postais, de longe, dobrando uma esquina – eu vinha como um elemento altamente banal, de paletó e gravata, integrado no horário coletivo, acertando o relógio do meu pulso pelo grande relógio da estrada de ferro central do meu país, acertando a batida do meu pulso pelo ritmo da faina quotidiana – eu vinha como um

homem de quarenta anos que dispõe de regular saúde, e está com suas letras nos bancos regularmente reformadas e seus negócios sentimentais aplacados de maneira cordial e se sente bem disposto para as tarefas da rotina, e com pequenas reservas para enfrentar eventualidades não muito excêntricas – e que cessou de fazer planos gratuitos para a vida, mas ainda não começou a levar em conta a faina da própria morte – assim eu vinha, como quem ama as mulheres de seu país, as comidas de sua infância e as toalhas do seu lar – quando aconteceu. Não foi algo que tivesse qualquer consequência, ou implicasse em novo programa de atividades; nem uma revelação do Alto nem uma demonstração súbita e cruel da miséria de nossa condição, como às vezes já tive.

Foi apenas um instante antes de se abrir um sinal numa esquina, dentro de um grande carro negro, uma figura de mulher que nesse instante me fitou e sorriu com seus grandes olhos de azul límpido e a boca fresca e viva; que depois ainda moveu de leve os lábios como se fosse dizer alguma coisa – e se perdeu, a um arranco do carro, na confusão do tráfego da rua estreita e rápida. Mas foi

como se, preso na penumbra da mesma cela eternamente, eu visse uma parede se abrir sobre uma paisagem úmida e brilhante de todos os sonhos de luz. Com vento agitando árvores e derrubando flores, e o mar cantando ao sol.

BRAGA, Rubem. *Os Melhores Contos de Rubem Braga*. Seleção de Davi Arrigucci Jr. 5ª ed. São Paulo: Global, 1997, pp. 155-156.

CONTO

Forma simples: conto popular – narrativa de curta extensão, de caráter exemplar, em que o maravilhoso se manifesta como natural.

Forma artística: narrativa ficcional (figurativa) de extensão mais ou menos curta, com poucas personagens e unidade de ação, culminada por um final forte, de sentido exemplar explícito ou implícito.

Esp.: *cuento*.

In.: *short story; tale*.

Fr.: *conte; nouvelle*.

It.: *racconto; novella*.

Al.: *Erzählung*; *Kurzgeschichte*

Um escritor hábil construiu um conto. Se ele conhece seu trabalho, não modelou seus pensamentos sobre seus incidentes, mas depois de haver concebido com cuidado e reflexão um certo efeito único que se propõe produzir, inventa incidentes — combina acontecimentos — que lhe permitem obter esse efeito preconcebido. Se sua primeira frase não tende a produzir esse efeito, então ele malogrou desde o primeiro passo. Em toda a obra, não deveria haver uma só palavra escrita que não tendesse direta ou indiretamente à realização dessa intenção preestabelecida.

Edgar Allan Poe

Excerto de *A Cartomante*, de Machado de Assis

In: *Várias Histórias*

[...]

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da rua da Guarda Velha, o tílburi teve de parar; a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tílburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tílburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as supers-

-tições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar à primeira travessa, e ir por outro caminho; ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a ideia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

— Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras coisas; mas a voz do marido sussurrava-lhe às orelhas as palavras da carta: “Vem, já, já...” E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar... Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas coisas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários, e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: “Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia...” Que perdia ele, se...?

Deu por si na calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve ideia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber — continuou ela — se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

— A mim e a ela — explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuradas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela; ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito — disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

— Vá; — disse ela — vá, ragazzo innamorato...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro — disse ele afinal, tirando a carteira. — Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração — respondeu ela. Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

— Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá tranquilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante, alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tílburi esperando, a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

[...]

NOVELA

Narrativa ficcional (figurativa) de extensão mais ou menos curta, com poucas personagens, ação concentrada num único ou em poucos acontecimentos intimamente associados e culminada por um forte acento final, de sentido exemplar.

Esp.: *cuento*.

In.: *short story; tale*.

Fr.: *conte; nouvelle*.

It.: *racconto; novella*.

Al.: *Erzählung*; *Kurzgeschichte*

Excerto de *A Queda dum Anjo*, de Camilo Castelo Branco

XXXVI

SALDO DE CONTAS CONJUGAL

Chegou a Paris a boa-nova, desacompanhada de pormenores desonrosos. Dizia apenas o feitor do morgado que a fidalga se retirara para Travanca, deixando tudo que encontrara, e levando tudo que trouxera. Lopo de Gamboa industriara o feitor na direção que havia de dar à carta. Faltou-lhe apurar o desavergonhamento ao extremo de continuar correspondência com o marido de sua prima.

Calisto desandou para Lisboa, prevenindo Tomásia que ocultasse de Ifigênia a indecorosa cena que sua mulher fizera. Na volta de Paris, o morgado aposentou-se no palacete da brasileira. O passeio

à Europa limpou-lhe do espírito as teias: é bom desempoeirar olhos com a viração salutar dos ares de França e Itália. Lisboa pareceu a Calisto Elói terra pequena demais para sacrifícios tamanhos. Emancipou o coração.

Assistiu ainda o deputado a algumas sessões parlamentares. Floreou os seus discursos com as recordações do progresso industrial no estrangeiro. Enlevou-se nas delícias de França, e não andou por muito longe da frase arroubada do Dr. Libório de Meireles na apologia dos esplendores estranhos e lamentações das misérias da Pátria.

Providenciou, sobre negócios de sua casa, para que os recursos lhe não minguassem nas pompas do seu viver em Lisboa, e começou um doce viver, não mareado de mínimo dissabor. Renasceu-lhe no espírito, já livre dos sobressaltos do coração, o amor à leitura de livros modernos, em que se lhe deparavam luzes e ideia, que ele, a furto, conseguia entrever nas literaturas antigas.

Avermelhava-se-lhe o rosto, quando lia o seu discurso acerca do luxo, e o outro mais tolo sobre a Lucrécia Bórgia do teatro lírico. A ciência moderna flagelava-o. Tinha ele escrito nos dois primeiros

meses alguns cadernos de papel, no propósito de dar à estampa um livro contra o luxo. Releu com pejo a sua obra, e ordenou a um criado que queimasse o manuscrito. O criado não o queimou. Escondeu-o sem mau intento; e alguma vez saberá o mundo literário como aqueles papéis vieram à minha mão, e ainda me são deleite e lição de sã linguagem e sãs doutrinas.

Decorreram alguns meses sem sucesso que dê capítulo dalgum interesse. Fechado o triênio da legislatura, Calisto Elói foi agraciado com o título de Barão da Agra de Freimas, e carta de conselho. Sondou o ânimo de alguns influentes eleitorais de Miranda para reeleger-se pelo seu círculo. Disseram-lhe que o mestre-escola lhe hostilizava a candidatura, emparceirado com o boticário. Arranjou o barão dois hábitos de Cristo que fez entregar, com os respectivos diplomas, aos dois influentes. Na volta do correio foi-lhe assegurada a eleição, que, de mais a mais, o governo apoiava.

Por esta ocasião, Brás Lobato, reatada a amizade antiga, escreveu ao fidalgo uma carta em que, pouco menos de brutalmente, reproduzia os boatos correntes acerca do procedimento da Sra. D. Teodora com o seu primo Lopo de Gamboa.

O barão experimentou um mal-estar de espécie nova, que se desvaneceu a pouco e pouco, e só mui levemente se repetiu no dia seguinte. Eu creio que o homem aprendera em Paris dois consolativos versos de Molière:

Quel mal cela fait-il? la jambe en devient-elle
Plus tortue, après tout, et la taille moins belle?

Averiguei quanto em mim coube o viver interno de Ifigênia e do primo. Convinha-me descobrir amarguras lá dentro, para tirar delas o sintoma de expiação. Não descobri coisa alguma que não fosse invejável. O mais que se me deixou ver de novidade foram duas crianças loiras, lindas, alvas de neve, e amimadas entre Ifigênia e Calisto como dois penhores de felicidade infinita.

Como ali caíram dos pombais do céu aquelas duas avezinhas, que saltitavam dos braços de um para o colo do outro, não sei. Eu digo ao leitor o que as mães dos recém-nascidos dizem aos filhos mais

velhos: “vieram de França numa condessinha”.

Ouvi rosnar que no solar de Travanca também apareceu um repolhudo menino, que pelos modos também veio no cesto de alguma parte. Se não fossem estas remessas prodigiosas de crianças, acabavam duas ilustríssimas famílias sem posteridade. A natureza é muito engenhosa.

O barão esperava que a mulher morresse, para legitimar os seus meninos, um dos quais se chamava Mem de Barbuda como seu décimo sétimo avô, e o outro Egas de Barbuda como seu décimo oitavo avô.

A baronesa, que, digamo-lo depressa, não rejeitou o título do marido, esperava que o marido se aniquilasse na perdição dos seus costumes, para também legitimar o seu Barnabé. Chamava-se Barnabé aquele gordo menino, gordo que não parecia fruto outoniço de árvore já tão esgrouvinhada e resseca! O amor é tão engenhoso como a natureza.

CONCLUSÃO

Deixá-lo ser feliz: deixá-lo. Calisto Elói, aquele santo homem lá das serras, o anjo do fragmento paradisíaco do Portugal velho, caiu.

Caiu o anjo, e ficou simplesmente o homem, homem como quase todos os outros, e com mais algumas vantagens que o comum dos homens.

Dinheiro a rodo!

Uma prima que o preza muito!

Dois meninos que se lhe cavalgam do costado!

Saúde de ferro!

E barão!

Conjetura muita gente que ele é desgraçado, apesar da prima, do baronato, dos meninos, do dinheiro e da saúde.

Eu, como já disse, não sei realmente se lá no recesso daqueles arcanos domésticos há borrascas.

Na qualidade de anjo, Calisto, sem dúvida, seria mais feliz; mas, na qualidade de homem a que o reduziram as paixões, lá se vai concertando menos mal com a sua vida.

Eu, como romancista, lamento que ele não viva muitíssimo apoquentado, para poder tirar a limpo a sã moralidade deste conto.

Fica sendo, portanto, esta coisa uma novela que não há de levar ao céu número de almas mais vantajoso que a novela do ano passado.

ROMANCE

Narrativa ficcional (figurativa) de extensão mais ou menos longa, com número ilimitado de personagens e ação complexa (intrigas paralelas), que sintetiza uma imagem sensível da vida humana e sugere uma interpretação para ela.

Esp.: *novela*.

In.: *novel*.

Fr.: *roman*.

It.: *romanzo*.

Al.: *Roman*.

Excertos de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis

Capítulo LXVIII

O VERGALHO

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!”. Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

— Toma, diabo! —dizia ele —; toma mais perdão, bêbado!

— Meu senhor! — gemia o outro.

— Cala a boca, besta! — replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio — o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

— É, sim, nhonhô.

— Fez-te alguma cousa?

— É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

— Está bom, perdoa-lhe — disse eu.

— Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!

Saí do grupo, que me olhava espantado e cochichava as suas conjecturas. Segui caminho, a desfiar uma infinidade de reflexões, que sinto haver inteiramente perdido; aliás, seria matéria para um bom capítulo, e talvez alegre. Eu gosto dos capítulos alegres; é o meu fraco. Exteriormente, era torvo o

episódio do Valongo; mas só exteriormente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino, e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas — transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as subtilezas do maroto!

Capítulo CXXIII

O VERDADEIRO COTRIM

Não obstante os meus quarenta e tantos anos, como eu amasse a harmonia da família, entendi não tratar o casamento sem primeiro falar ao Cotrim. Ele ouviu-me e respondeu-me seriamente que não tinha opinião em negócio de parentes seus. Podiam supor-lhe algum interesse, se acaso louvasse as raras prendas de Nhã-Loló; por isso calava-se. Mais: estava certo de que a sobrinha nutria por mim verdadeira paixão, mas se ela o consultasse, o seu conselho seria negativo. Não era levado por nenhum ódio; apreciava as minhas boas qualidades — não se fartava de as elogiar, como era de justiça; e pelo que respeita a Nhã-Loló, não chegaria jamais a negar que era noiva excelente; mas daí a aconselhar o casamento ia um abismo.

— Lavo inteiramente as mãos — concluiu ele.

— Mas você achava outro dia que eu devia casar quanto antes...

— Isso é outro negócio. Acho que é indispensável casar, principalmente tendo ambições políticas. Saiba que na política o celibato é uma remora. Agora, quanto à noiva, não posso ter voto, não quero, não devo, não é de minha honra. Parece-me que Sabina foi além, fazendo-lhe certas confidências, segundo me disse; mas em todo caso ela não é tia carnal de Nhã-Loló, como eu. Olhe... mas não... não digo...

— Diga.

— Não; não digo nada.

Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Arguiam-no de avareza, e cuido que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude, e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o *deficit*. Como era muito seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de

bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais. A prova de que o Cotrim tinha sentimentos pios encontrava-se no seu amor aos filhos, e na dor que padeceu quando lhe morreu Sara, dali a alguns meses; prova irrefutável, acho eu, e não única. Era tesoureiro de uma confraria, e irmão de várias irmandades, e até irmão remido de uma destas, o que não se coaduna muito com a reputação da avareza; verdade é que o benefício não caíra no chão: a irmandade (de que ele fora juiz), mandara-lhe tirar o retrato a óleo. Não era perfeito, decerto; tinha, por exemplo, o sestro de mandar para os jornais a notícia de um ou outro benefício que praticava — sestro repreensível ou não louvável, concordo; mas ele desculpava-se dizendo que as boas ações eram contagiosas, quando

públicas; razão a que se não pode negar algum peso. Creio mesmo (e nisto faço o seu maior elogio) que ele não praticava, de quando em quando, esses benefícios senão com o fim de espertar a filantropia dos outros; e se tal era o intuito, força é confessar que a publicidade tornava-se uma condição *sine qua non*. Em suma, poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.

Capítulo CLX

DAS NEGATIVAS

Entre a morte do Quincas Borba e a minha, mediaram os sucessos narrados na primeira parte do livro. O principal deles foi a invenção do emplasto Brás Cubas, que morreu comigo, por causa da moléstia que apanhei. Divino emplasto, tu me darias o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, porque eras a genuína e direta inspiração do céu. O acaso determinou o contrário; e aí vos ficais eternamente hipocondríacos.

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas cousas e outras, qualquer pessoa imaginará que não

houve míngua nem sobra, e conseguintemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.